

# UM AMOR CINCO ESTRELAS



**BETH O'LEARY**

AUTORA DE *Teto para dois*

# UM AMOR CINCO ESTRELAS

intrínseca



Tradução de Laura Pohl e Sofia Soter

## BETH O'LEARY



Copyright © 2023 Beth O’Leary Ltd

TÍTULO ORIGINAL  
The Wake-Up Call

COPIDESQUE  
Beatriz Lopes

REVISÃO  
Agatha Machado

DESIGN DE CAPA E ILUSTRAÇÃO  
© [studiohelen.co.uk](http://studiohelen.co.uk)

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Henrique Diniz

PRODUÇÃO DE E-BOOK  
Pablo Silva

E-ISBN  
978-85-510-0934-5

Edição digital: 2024

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – RJ  
CEP 22640-904  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Dezembro de 2021](#)

[Novembro de 2022](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Dezembro de 2023](#)

[Capítulo 35](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

*Para meus leitores.  
Eu amo muito cada um de vocês.*

**DEZEMBRO DE 2021**

*Querido Lucas,*

*Tenho que confessar uma coisa que está me deixando meio nervosa, e por isso vou acabar falando aqui no seu cartão de Natal. (Inclusive: feliz Natal.)*

*Um negócio estranho acontece sempre que a gente se esbarra no hotel. Me sobe um calor. Um tremelique. Solto expressões inesperadas, tipo "bom dia, flor do dia!", esqueço o que estava falando com um hóspede e acabo olhando pra você em vez de olhar pra qualquer um dos acréscimos de Barty ao cardápio com os quais Arjun vai encencar.*

*Não sou de paixonite à primeira vista. Faço mais o tipo devagar e sempre, carinhoso e aconchegante. E eu NÃO perco a cabeça por homem, nunca perdi. Mas é só te ver que fico toda... alvoroçada.*

*E quando você me olha, fico pensando se sente a mesma coisa. Estava esperando você tomar a iniciativa, na verdade. Mas minha amiga Jem disse que você talvez ache que estou comprometida, que talvez não seja de se abrir assim, ou que de repente eu só precise meter bronca e falar de uma vez.*

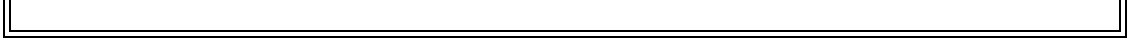
*Então cá estou. Abrindo meu coração carinhoso e aconchegante para dizer que gosto de você. Gosto muito.*

*Se você sentir a mesma coisa, me encontre debaixo do visco às 20h. Sou a de vestido rosa. Izzy, a recepcionista. Nem sei por que falei do vestido rosa.*

*Vou parar de escrever porque... acabou o espaço. E minha dignidade. Te vejo às 20h?*

*Bjs,*

*Izzy*



Querida Izzy,

Feliz Natal e um ótimo Ano-Novo.

Atenciosamente,

Lucas



**NOVEMBRO DE 2022**

## Izzy

Se Lucas fizer alguma coisa, preciso fazer igual, só que melhor.

De modo geral, isso trouxe ótimos resultados para a minha carreira no último ano, mas também quer dizer que agora estou me arrastando com um galho de pinheiro que tem, no mínimo, duas vezes minha altura e quatro vezes minha largura.

– Precisa de ajuda? – pergunta Lucas.

– De jeito nenhum. E você?

Eu balanço o galho, tentando ajeitá-lo, e por pouco não acerto um dos muitos vasos do saguão. Vivo me esquivando deles. Como a maior parte da mobília na Mansão Forest Hotel & Spa, os vasos vêm da família Bartholomew, proprietária do local. Morris Bartholomew (Barty) e a esposa, Uma Singh-Bartholomew (sra. SB), transformaram a casa grandiosa em um hotel e reutilizaram tudo que puderam dos móveis antigos da família. Sou super a favor de reaproveitamento – é bem meu estilo –, mas esses vasos têm um quê de urna funerária. Não consigo deixar de imaginar que talvez contenham uns Bartholomews velhos ali dentro.

– Isso é lúdico? – pergunta Lucas, parando para examinar meu galho de pinheiro.

Estou amarrando o galho na parte de baixo do meu lado da escadaria. A escadaria da Mansão Forest é famosa – é um desses modelos lindos e amplos, que se abrem no meio e dão a maior vontade de descer devagar usando um vestido de noiva, ou arrumar os filhos para uma foto fofa com cara de família Von Trapp.

– E isso é? – pergunto, apontando o vaso de árvore que Lucas arrastou do jardim e posicionou na parte inferior do lado *dele* da

escada.

– É – diz, todo confiante. – É uma oliveira. Oliveiras são muito lúdicas.

Estamos arrumando o saguão para o casamento de amanhã, e o tema da noiva é “inverno lúdico”. Lucas e eu decidimos que assimetria é lúdica, então cada um de nós ficou com um lado da escada. O problema é que, se Lucas exagera, tenho que exagerar mais ainda, então trouxemos uma boa parte do jardim para o saguão.

– Também são mediterrâneas.

Lucas me olha, seco, como se perguntasse “e daí?”.

– Estamos em New Forest. Em novembro.

Lucas franze a testa. Eu desisto.

– E os pisca-piscas prateados? – pergunto, indicando as luzes pequenas e cintilantes entrelaçadas a plantinhas no meu corrimão.

– Será que botamos do seu lado também?

– Não. É cafona.

Eu semicerro os olhos. Lucas acha tudo meu cafona. Odeia meus apliques, meus tênis rosa-bebê, minha paixão por séries sobrenaturais para adolescentes. Ele não entende que a vida é muito curta para tantas regras, para o que é ou não é descolado; a vida é para ser vivida. Em HD. E com tênis rosa-bebê.

– Mas são tão fofos e brilhantes!

– Brilham tanto que chegam a arder. Parecem faquinhas nos olhos. Não.

Ele descruza os braços e apoia as mãos no quadril. Lucas gosta de ocupar o máximo de espaço possível. Deve ser por isso que vive na academia, para invadir cada vez mais centímetros do meu espaço com seus ombros largos e bíceps saltados.

Respiro fundo para me acalmar. Depois desse casamento, eu e Lucas vamos poder voltar a alternar os turnos sempre que possível. Ultimamente, dá tudo errado quando passamos tempo demais juntos na recepção. A sra. SB diz que “não parece criar a atmosfera

ideal”. Arjun, o chefe de cozinha, diz que “quando Izzy e Lucas trabalham juntos, o hotel é aconchegante que nem a casa da minha avó”, e eu já conheci a avó de Arjun, então tenho certeza de que é um comentário muito ofensivo.

No entanto, Lucas e eu somos os atendentes do hotel com mais experiência, e somos nós que cuidamos dos casamentos, então, pelos próximos dois dias, preciso aguentá-lo.

– Sobe aqui – ordena Lucas. – Vem ver o que eu estou vendo.

Ele é sempre tão *mandão*. Quando conheci Lucas, achei o sotaque brasileiro tão sexy que perdoei a grosseria – achei que fosse problema de adaptação ao idioma e concluí que ele tinha boas intenções, mas se atrapalhava na hora de falar. Porém, com o tempo, fui percebendo que Lucas fala um inglês excelente – só é escroto mesmo.

Subo até o patamar central, onde a escada se divide, e admiro tudo. O saguão é imenso, com um balcão gigantesco de madeira à esquerda, diante de chaves antiquadas penduradas na parede. Tem um tapete redondo gasto cobrindo os azulejos originais, em marrom e creme, e uma área de sofás perto das janelas altas com vista para o gramado. É lindo. E, nos últimos oito anos, virou minha casa – talvez ainda mais do que o apartamentinho em tons pastel que alugo em Fordingbridge.

– É um hotel elegante – diz Lucas. – Esses pisca-piscas parecem vagabundos.

Sim, porque são vagabundos *mesmo*. Ele espera o quê? Como sempre, a gente mal tem orçamento.

– É um hotel de *família* – digo, e a família Hedgers aparece no saguão bem na hora.

As três crianças entram de mãos dadas; o menorzinho, aos tropeços, de roupa de neve e com os dedos gorduchos segurados pela irmã.

– Uau! Que maneiro! – exclama o mais velho, parando de repente para admirar meu corrimão brilhante.

O mais novo quase cai, mas a irmã o endireita com um puxão.

Dirijo meu sorriso mais metido para Lucas, que continua carrancudo. As crianças parecem um pouco confusas e, depois, intrigadas.

Já notei esse fenômeno. Lucas *deveria* ser horrível com crianças – ele é enorme, rabugento e não sabe falar com elas. Só que elas sempre parecem achá-lo fascinante. Outro dia, eu o ouvi cumprimentar a Hedgers do meio (Ruby Hedgers, seis anos, hobbies prediletos incluem artes marciais, pôneis e escalar coisas perigosas) assim:

– Bom dia, passou bem a noite? Dormiu bem?

É exatamente o que ele diz para os hóspedes adultos, e, nesse caso, ele falou rigorosamente no mesmo tom. Só que Ruby amou.

– Ah, eu dormi a noite *inteira* – disse ela, de um jeito todo importante. – Quando meu relógio deu sete horas, levantei e fui esperar o papai e a mamãe acordarem do lado da cama deles, e o papai não sabia que eu estava lá, então ele gritou, e foi *muito* engraçado.

Lucas então fez que sim com a cabeça, totalmente sério, e respondeu:

– Parece um jeito horrível de acordar.

E Ruby teve um ataque de riso.

Bizarro.

– As crianças gostam dos pisca-piscas – digo para Lucas, espalmando as mãos.

– As crianças também gostam de sapatos de rodinha e de jujuba, e tomam os sundaes de Arjun até passar mal – replica Lucas. – Elas não são confiáveis.

Olho para os Hedgers adultos para ver se não ficaram ofendidos pelos comentários de Lucas, mas eles estão levando as crianças para o quarto e não parecem ter escutado. A sra. Hedgers usa cadeira de rodas, então eles estão hospedados no quarto Ervilha-de-Cheiro. Faz

mais de um mês que os elevadores pifaram, o que tem sido um pesadelo, considerando que só temos cinco quartos no térreo.

– Nada de pisca-piscas do meu lado. E é melhor tirar do seu também.

– Meu Deus! Você não pode ceder e usar uns pisca-piscas, nem que seja em uma quantidade menor, sei lá?

– Eles machucam meus olhos. Não é não.

– Quando se trabalha com outra pessoa, não dá só para dizer “não é não” e pronto.

– Por quê?

– Você tem que chegar a um meio-termo.

– Por quê?

– Porque sim! Porque é uma coisa razoável!

– Ah. Razoável que nem reorganizar todo o material de papelaria no seu turno só para eu não encontrar nada?

– Não organizo por isso. Organizo porque seu jeito é...

– Razoável?

– Uma porcaria! – digo, e só depois me lembro de conferir se os Hedgers fecharam a porta depois de as crianças entrarem. – Seu jeito é uma porcaria. A gaveta sempre emperra porque você guarda o furador de papel de lado, e os Post-its têm que ficar na frente, já que usamos sempre, só que vivem lá no fundo, com os cartões de visita, que nunca usamos, então me desculpe por poupar seu tempo!

– É razoável mudar a numeração dos quartos sem me avisar?

– Foi ideia da sra. SB! Eu só obedeci!

– Ela mandou não me contar?

Agora estamos cara a cara, e, de alguma forma, eu acabei com as mãos na cintura também, uma postura que só adoto quando quero fingir ser uma super-heroína (uma situação surpreendentemente comum para quem trabalha em um hotel familiar).

– Eu esqueci. Sou humana. Pode me processar.

– Você não se esqueceu de contar para a Tadinha da Mandy.

Mandy é a outra atendente. Ela não é uma coitadinha de modo geral – só ganhou o apelido de “Tadinha da Mandy” aqui na Mansão Forest Hotel & Spa porque sempre acaba no meio das minhas brigas com Lucas. A Tadinha da Mandy não está nem aí para a forma como arrumamos o material de papelaria. Ela só quer paz.

– Bom, a Tadinha da Mandy nunca me pediu especificamente para não mandar mensagem fora do horário de trabalho, então provavelmente avisei por WhatsApp.

– Eu não pedi para você não mandar mensagem fora do horário de trabalho. Só falei que me *bombardear* com questões administrativas do hotel às onze da noite de domingo não é...

– Razoável – digo, rangendo os dentes. – Certo, é claro. Bom, já que você está tão interessado no que é *razoável*, vamos manter um corrimão razoável sem luzes e organizar um casamento razoavelmente bom, aí Barty e a sra. SB tomarão a decisão razoável de fechar o hotel porque estão falidos. É isso que você quer?

– Você por acaso acha que pode salvar o hotel abarrotando o lugar de pisca-piscas cintilantes?

– Acho! – grito. – Não! Quer dizer, não com a decoração em si, mas com o esforço. A Mansão Forest é um lugar *tão* perfeito nessa época do ano, e, se o casamento correr bem, todos os convidados vão acabar achando o hotel lindo e querendo passar os feriados aqui, ou dar festas de noivado, e assim a gente vai ter mais chance de sobreviver a 2023.

– Izzy, não vão ser uns feriados e noivados que vão salvar o hotel. Precisamos de investimento.

Não respondo. Não porque concordo nem porque – Deus me livre – vou deixar Lucas ganhar a discussão. Mas porque o teto cai na nossa cabeça.

## *Lucas*

Em um momento, Izzy está me encarando, orgulhosa e combativa, com as mãos firmes no quadril. No instante seguinte, está em cima de mim, pequena, delicada, cheirando a açúcar e canela, com metade do teto em cima do seu corpo.

Não entendi como chegamos do ponto A ao ponto B.

– Ai, meu Deus – diz Izzy, rolando para longe em uma nuvem de gesso. – Acabei de salvar sua vida?

– Não – respondo, porque “não” é a melhor resposta para qualquer pergunta feita por Izzy. – Como assim?

– O teto desabou – explica ela, apontando para o teto. Muito prestativa, como sempre. – E eu me joguei para te salvar.

Fico deitado ao lado dela. Estamos os dois de barriga para cima no patamar da escada. Lá no alto, há um buraco no teto. Dá para ver as arandelas velhas do corredor do outro andar.

Isso não é bom.

Viro o rosto para Izzy. Ela está corada, e as mechas rosa do cabelo estão para tudo quanto é lado, mas ela parece ilesa. Tem um pedaço de gesso atrás dela, grande o suficiente para ter matado um de nós. De repente, sinto muito frio.

– Então obrigado, eu acho – digo.

Com uma expressão aborrecida, ela se levanta e espana as pernas.

– De nada – responde.

Quando Izzy me diz isso, ela não está tentando ser simpática. Se estivesse conversando com qualquer outra pessoa, sem dúvida seria uma resposta sincera. Porém, no meu caso, o que está nas

entrelinhas em tudo que Izzy diz é, essencialmente, em bom português, *vai à merda, cuzão*.

Ninguém mais parece notar. Todo mundo acha Izzy “adorável”, “legal” e “fofa”. Até Arjun a trata que nem princesa, e Arjun trata os clientes como um músico famoso trataria os fãs – com uma espécie de desprezo carinhoso. Porém não foi para Arjun que Izzy gritou “Você não é bom o suficiente para ela de qualquer forma, seu robô de sapatos engraxados e coração gelado” nos jardins do hotel no Natal passado.

Contudo, Izzy parece ter acabado de salvar minha vida mesmo, então é melhor ser educado.

– Muito obrigado – digo. – E peço perdão por não me jogar em você primeiro. Achei que você seria capaz de se cuidar.

Não pegou bem. Ela fecha a cara para mim. Izzy tem todo um repertório de carrancas e olhares raivosos. Ela tem olhos verdes grandes, cílios muito compridos e sempre faz um delineado nas pálpebras. Quando penso em Izzy, o que raramente faço, vejo aqueles olhos semicerrados para mim, brilhando que nem os de um gato.

– Eu *sou* capaz de me cuidar – diz ela.

– É. Eu sei. Por isso não te salvei.

– Olá? – Alguém chama de cima.

– Merda – resmunga Izzy, esticando o pescoço para olhar pelo buraco no teto. – Sra. Muller?

Apesar de todos os seus defeitos, Izzy tem uma memória excepcional em relação aos hóspedes. Se alguém se hospeda aqui uma vez, Izzy depois se lembra do nome do filho da pessoa, do que ela toma no café da manhã e de que signo é. No entanto, até eu me lembro da sra. Muller: ela se hospeda aqui com frequência e sempre irrita o pessoal da limpeza porque deixa manchas de tinta por todo canto, por conta de suas obras de arte. Ela já tem mais de setenta anos, é metade alemã, metade jamaicana, tem um sotaque que eu acho difícil e frustrante e a tendência de dar gorjeta para os

funcionários como se estivéssemos nos Estados Unidos, o que não me incomoda de jeito nenhum.

– Chame os bombeiros. – sibila Izzy para mim, antes de voltar a atenção para a sra. Muller. – Sra. Muller, cuidado, por favor! Houve um... leve... hum...

– Acidente – sugiro.

– Contratempo – diz Izzy. – Houve um leve contratempo com o chão! Mas já estamos resolvendo.

Nós dois tentamos olhar pelo buraco. Precisamos fazer alguma coisa antes de algum dos outros cinquenta hóspedes atuais da Mansão Forest sair do quarto e correr o risco de cair um ou dois andares.

– Sra. Muller, se afaste, por favor! – digo, e desço de volta ao saguão, porque aquela área é tão perigosa para nós quanto para ela. – É melhor você se afastar também – acrescento para Izzy, olhando para trás.

Ela me ignora. Bom, eu tentei. Dou uma olhada nos danos à escada e pego o celular para chamar o 193, até que lembro que o número no Reino Unido é outro, é...

– Nove nove nove – diz Izzy.

– Eu sei – retruco, irritado, já discando.

Uma chuva de gesso tomba do buraco, mergulhando Izzy em poeira. Ela engasga, e seu cabelo comprido, castanho e rosa fica coberto de pó branco.

– Uau – diz uma voz animada atrás de mim, e, quando me viro, vejo Ruby Hedgers, de seis anos, na porta do quarto Ervilha-de-Cheiro. – Está nevando?

– Não – respondo. – É só dano estrutural. Alô, sim, bombeiros, por favor...

\* \* \*

O hotel está repleto de bombeiros. Izzy, nada profissional, está dando mole para um dos mais bonitos. Eu estou com um baita mau humor.

A manhã foi muito estressante. É compreensível que os hóspedes estejam um pouco incomodados com isso tudo. Vários reagiram mal a sair pela janela e por escadas de emergência. Um dos bombeiros nos explicou que o dano ao teto e à escadaria “não tem conserto simples” e que “vai dar um trabalhão”, e, para deixar mais claro, ainda esfregou o indicador no polegar, um gesto que significa a mesma coisa no Brasil e aqui: grana, grana, grana.

É essa a raiz de todos os problemas na Mansão Forest Hotel & Spa. Que eu saiba, o hotel fazia sucesso antes da pandemia, mas os negócios foram de mal a pior durante o confinamento pela Covid, que coincidiu com a necessidade de trocar o telhado todo. Agora estamos nos arrastando, sem conseguir fazer as reformas necessárias no hotel. Quando comecei a trabalhar aqui, dois anos atrás, a Mansão Forest já estava meio acabada; desde então, perdeu ainda mais de seu luxo, e, por consequência, tivemos que baixar os preços até do restaurante premiado.

No entanto, a essência do lugar permanece. Acredito sinceramente que nenhum outro hotel na Inglaterra é tão especial quanto este. Soube disso assim que entrei no saguão pela primeira vez e vi os hóspedes lendo jornal nos sofás, de pantufas do hotel, olhando as crianças brincando no gramado. Era puro conforto. Aqui, damos valor aos hóspedes – assim que entregamos as chaves, eles se tornam parte da família.

– Lucas, né? – diz uma voz atrás de mim, acompanhada por um tapa no meu ombro.

Eu me preparo para o que vem por aí e deixo minha preciosa terceira xícara de café do dia na mesa da recepção. É claro que nem sempre gostamos de *todos* os membros da família.

Louis Keele está passando dois meses no Áster, uma das suítes do térreo, porque veio trabalhar na região. É nosso quarto mais fino, e

Louis gosta de tudo o que é fino. *Ninguém mais aprecia a qualidade das coisas*, ele disse a um colega outro dia no saguão. Imagino que seja muito mais fácil “apreciar” a qualidade das coisas quando seu pai ganhou vários milhões de libras com o mercado imobiliário nos anos 1990, mas não tenho certeza.

– Sim, sr. Keele. O hotel está sendo evacuado – digo.

Ele sabe, óbvio. Tem bombeiros para todo lado, e uma fita de isolamento bloqueando a porta pela qual Louis acabou de passar mesmo assim. E parte do teto está caído na escada.

– Sinto muitíssimo, mas o senhor precisa liberar o quarto por um período, só enquanto resolvemos essa situação.

Ele olha para a “situação” com interesse. Cerro os punhos. Louis me deixa nervoso. Há certa avidez por trás de seu sorriso tranquilo, um traço calculista. Ele veio no Natal passado, e na época perguntou para a sra. SB se ela consideraria vender a Mansão Forest para a empresa do pai dele – ou, como ele diz, “a firma familiar dos Keele”. Ela riu e recusou, mas as circunstâncias mudaram muito. Já estávamos em apuros financeiros graves *antes* de o teto desabar.

Louis assobia devagar, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

– Esse tipo de dano, considerando as reformas maiores de que o hotel precisa... – diz, com uma careta de pena. – Perdão pela boca suja, mas vocês estão fodidos, né?

– Louis! – exclama Izzy, surgindo da sala de jantar e me lançando um olhar de advertência, o que sugere que minha expressão não é tão solícita quanto deveria. – Deixe-me levá-lo lá para fora. Organizamos um piquenique invernal espontâneo na pérgola, ou no pergolado, ou no pagode... Nunca aprendi a diferença entre esses nomes todos, mas deu para entender.

Ela está segurando o braço dele. Izzy é mais de contato físico que a maioria dos britânicos – exceto comigo.

– A sra. SB ligou – avisa Izzy, enquanto leva Louis embora. – Alguém precisa ligar para a noiva já desesperada cujo casamento acabou de ser desmarcado. Eu falei que você estava muito dedicado

aos preparativos do casamento de amanhã e que seria a pessoa perfeita para confortar a noiva.

Eu tensiono a mandíbula. Izzy sabe que não gosto de conversas emotivas. Meu único consolo é que já indiquei Izzy para ajudar Barty a preencher um documento de seguros de quarenta e quatro páginas que ele certamente baixou no formato errado. Vai ser uma tortura para ela.

– E ela quer fazer uma reunião com a gente no escritório às cinco – acrescenta Izzy.

É só quando a porta se fecha rangendo atrás de Izzy e Louis que me dou conta do que isso provavelmente significa.

Mesmo que seja seguro usar o térreo do hotel, ficamos com apenas cinco quartos, em vez de vinte e cinco. São os cinco quartos mais caros, o que é uma vantagem, mas ainda é uma fração do que normalmente lucraríamos no inverno, e não chega a exigir uma equipe de atendimento completa. Em uma semana normal, eu e Izzy nos alternamos na recepção com um dos terceirizados que a sra. SB contrata e suportamos nosso único dia em comum (segunda-feira, o pior dia de todos). Mandy cuida dos turnos da noite, quando só um recepcionista é necessário.

Se eu fosse a sra. SB, tentaria cortar alguém da equipe de atendimento. Considerando o prazo curto, ela provavelmente terá que pagar pelos terceirizados mesmo que eles não precisem aparecer, e Mandy é amiga da família de Barty.

Então sobramos... eu e Izzy.

## Izzy

São cinco da tarde. Já sei exatamente o que vou falar. Arjun me deu uns conselhos úteis e disse que eu estava me concentrando demais nos motivos de eu ser melhor do que Lucas no trabalho, o que dá a impressão de que não sei trabalhar em equipe. Eu discordo, óbvio – quem não sabe trabalhar em equipe é Lucas. Ele vive enchendo o saco do pessoal da limpeza, e uma vez fez Ollie chorar quando a máquina de lavar louça quebrou. Porém talvez eu não precise mesmo falar que minha agenda de agendamentos é melhor do que o sistema de reservas on-line dele em todos os sentidos.

Agora que estamos os dois, lado a lado, na frente do Chalé Opala – a antiga casa dos porteiros, onde moram os Singh-Bartholomew –, me vem uma pontinha de pena por Lucas. Ele parece tão ansioso quanto eu. Faz um frio de rachar, e a grama ainda está úmida da geada da manhã, mas ele arregaçou as mangas e não para de puxar o colarinho, como se estivesse com calor. Ele encontra meu olhar e, *bem* quando estou considerando sorrir, diz:

– Por sinal, organizei sua caixa pra você.

A ideia do sorriso evapora.

– Minha caixinha de cacarecos?

A expressão de Lucas muda de “tenso e implacável” para um sutil “cansei das suas besteiras”.

– A caixa que fica debaixo do nosso balcão, com seus pertences, sim.

– Você não pode mexer na caixinha de cacarecos! Ela está lá há oito anos!

– O conteúdo deixou isso óbvio – diz Lucas. – Foi fácil guardar tudo em uma caixa menor e mais razoável quando me livrei de todos os sacos de bala que passaram da validade.

– Bala não estraga! Me diz que você *não* jogou nada fora.

Ele me olha, seco.

– Eu chuto aquela caixa duas vezes ao dia, no mínimo. Já pedi várias vezes para você mudar de lugar. Me livrar de algumas coisas me pareceu um bom meio-termo. Você não vive me mandando encontrar o meio-termo?

– Como é que é? Você anda chutando minha caixa? Tem objetos frágeis lá dentro, sabia?

Bom, tem minha caneca de *Teen Wolf*. Mas ela é *muito* preciosa.

A sra. SB abre a porta e nós dois nos empertigamos. É óbvio que o dia dela foi muito mais estressante do que o meu – e o meu foi um caos constante. Ela está de casaco, mas só vestiu um dos braços, enquanto o outro está pendurado nas costas dela como um rabo rosa-choque. Ela segura um telefone entre o ombro e o rosto, e os olhos que normalmente ostentam uma sombra extravagante estão com um tom preocupantemente sem graça de cinza. Ela faz sinal para a gente entrar, balançando o braço do casaco, e uma careta enquanto diz ao telefone:

– Sim, é claro, não é problema algum.

A sra. SB indica as poltronas no hall onde ela parece ter montado um ninho, considerando a tigela de macarrão pela metade, o cobertor com capuz pendurado no braço de uma cadeira e a papelada com ar de importante espalhada por ali. Barty acena da cozinha sem nem olhar – ele está mergulhado até os cotovelos em fichários, com os óculos pendurados na ponta do nariz comprido e aristocrático.

Lucas senta com cautela, como se o caos fosse contagioso. Eu me instalo, abraçada na bolsa do meu notebook, e tento me lembrar do discurso que preparei. *Nos últimos oito anos na Mansão Forest, eu me*

*mostrei parte inestimável da equipe, coordenando tudo, de grandes casamentos a...*

– Oi – diz a sra. SB, suspirando, ao desligar o telefone. – Como é bom ver vocês. Ainda está parecendo uma cena do crime lá fora?

Ela abana as mãos para a janela com vista para o hotel. Eu e Lucas nos entreolhamos rápido.

– Está muito agitado – digo, animada –, mas as coisas se acalmaram agora que Barty resolveu as acomodações temporárias de todos, e eu marquei a visita de quatro mestres de obras para orçar...

– E eu conversei com três engenheiros estruturais – se intromete Lucas. – O trabalho é complexo demais para um mestre de obras.

A sra. SB arregala os olhos ao ouvir “complexo demais”. Eu fico quieta. Às vezes Lucas marca gol contra.

Ele não conhece a sra. SB como eu. Ela e Barty abriram o hotel quando eram recém-casados, há mais de quarenta anos; não é só onde trabalham, é como o filho que nunca tiveram. Eles amam cada centímetro do lugar, dos quartos retrô no sótão ao batente de bronze. A Mansão Forest foi feita para ser luxuosa e romântica, para receber quartetos de cordas, casais dançando música lenta e jantares suntuosos à luz de velas. Odeio que a sra. SB precise lidar com o fato de que, depois de tudo por que passamos, eles não têm como impedir que este lugar mágico caia aos pedaços.

– Vamos manter o hotel aberto – diz a sra. SB, resoluta. – A seguradora liberou, desde que o acesso às obras esteja “devidamente bloqueado”, então coloquei “comprar fita de isolamento” na minha lista de afazeres depois de ter pesquisado como se bloqueia um acesso à obra. Tivemos que cancelar todos os casamentos programados para o inverno, mas ainda temos cinco suítes em bom estado, e a cozinha está ilesa, apesar do que Arjun diz.

Arjun está muito preocupado com o pó do gesso. Eu não dei atenção para isso hoje, mas é preciso tomar muito cuidado com o

ego dele. Vou mandar alguém passar lá mais tarde para tirar o pó ao redor do fogão e dizer que está resolvido.

– Mas fechar os vinte quartos de cima... e encher o lugar de pedreiros e... *engenheiros estruturais*... – diz ela, massageando a testa, enquanto empurra os óculos para cima. – Os Hedgers vão ficar?

Confirmo com a cabeça.

– A estadia está sendo paga pelo seguro da família, porque a casa deles alagou – digo. – Eles não têm para onde ir, na verdade.

– Que bom – diz a sra. SB, fazendo uma careta em seguida. – Perdão. Você me entendeu. E temos a sra. Muller, que vai ficar até janeiro. Precisamos priorizar os hóspedes de longo prazo, imagino. O casal de Nova Orleans cancelou e foi ficar no Porco, então podemos dar um upgrade para a sra. Muller e passá-la para o quarto deles. Louis Keele deixou claro que quer muito continuar aqui...

Olho de relance para Lucas, curiosa. Ele soltou um ruído quando a sra. SB mencionou Louis. Um som de nojo e desdém que eu conheço, já que ele normalmente faz isso quando *eu* digo alguma coisa.

– Quem mais vai ficar um período mais longo? – pergunta a sra. SB.

– O sr. Townsend e os Jacobs – dizemos eu e Lucas ao mesmo tempo.

– Os Jacobs são um casal belga jovem, com um bebê de cinco meses – explico. – Eles amam tudo que é britânico, sempre pedem bacon bem passado e são obcecados por *Fawlty Towers*.

Todos conhecemos o sr. Townsend, então nem compartilho meus causos sobre ele. Ele passa no mínimo três meses aqui todo inverno, e, ultimamente, até trocamos um ou outro e-mail quando ele não está – o sr. Townsend virou meu amigo, como acontece com muitos dos hóspedes regulares. Sei que Barty e a sra. SB sentem o mesmo.

– Bem, gostar de uma série sobre um hotel com vários problemas é um bom sinal – diz a sra. SB, com uma careta. –

Certo. E eles...

– Querem ficar – respondo rapidamente. – Já confirmei.

– Que bom. Muito bem, Izzy. Quanto ao resto... – diz a sra. SB, olhando para o notebook aberto no colo. – Vou lidar com eles. Vou dar um jeito.

Ela nos olha com um sorriso angustiado. A sra. SB é a chefe mais gentil do mundo, e não aguenta decepcionar ninguém, então, se está chateada, certamente vamos receber más notícias.

– Agora, quanto a vocês... – começa.

Ai, meu Deus.

– Preciso ser sincera. Quando virar o ano, eu simplesmente não posso garantir mais nada. Talvez... – continua ela, e engole em seco. – Sendo bem franca, acabou nosso dinheiro. Essas próximas semanas serão decisivas. Mas sei como é importante para vocês dois trabalhar no hotel neste inverno.

Eu sinto, mais do que vejo, Lucas se tensionar. Pela primeira vez, me pergunto por que ele vai passar novembro e dezembro trabalhando, em vez de voltar para o Brasil para visitar a família, como no ano passado. Mas paro de pensar nisso imediatamente, porque qualquer pensamento que envolva Lucas e o Natal passado está estritamente proibido por ordens da minha amiga Jem.

– Com apenas cinco quartos disponíveis... Não tenho como justificar manter vocês dois trabalhando na recepção com um recepcionista terceirizado.

Lá vem. Remexo a alça da minha bolsa e sinto meu discurso secar na garganta. O que eu queria dizer mesmo? Alguma coisa sobre ser inestimável? Que trabalhei no hotel por oito anos? Que a gaveta de material de escritório fica muito melhor quando eu arrumo?

– Sra. SB – diz Lucas. – Entendo sua dificuldade. Posso lembrá-la do sistema de reservas digital que introduzi quando...

– Cartões personalizados! – grito, e os dois se viram para mim.

– Foi minha ideia colocar os cartões de boas-vindas personalizados

nos quartos, que foram mencionados em muitas avaliações positivas.

– Elas mencionam sua caligrafia horrível – rebate Lucas.

Eu ruborizo. As pessoas são tão malvadas na internet.

– Sou extremamente econômico – argumenta Lucas à sra. SB, que parece mais abatida a cada instante. – Quando precisamos de papel para a impressora, eu sempre encomendo...

– O mais caro e fresco – concluo por ele.

– O papel de qualidade, que consome menos tinta – insiste Lucas. – Diferentemente de Izzy, eu considero com cuidado os custos.

– Diferentemente de Izzy? Como é que é? Quem foi que reclamou dos meus pisca-piscas baratinhos hoje? Do seu jeito, o hotel seria todo de ouro maciço.

– Que ridículo – diz Lucas, sem nem me olhar. – Minha solução obviamente não é usar pisca-piscas de ouro maciço. É não usar pisca-pisca nenhum.

– E aí, o que mais? – pergunto, subindo a voz. – Nenhum sofá? Nenhuma cama?

– Parem, por favor – implora a sra. SB, erguendo as duas mãos em sinal de rendição. – Não precisam disputar, vou manter os dois até o Ano-Novo. O diretor da agência terceirizada fez a gentileza de nos liberar, considerando as circunstâncias, e fornecerá apenas uma equipe reduzida para terças e quartas, se vocês dois estiverem dispostos a trabalhar cinco dias por semana.

– Sim! – dizemos nós dois, tão alto que a sra. SB se sobressalta de leve.

Normalmente, nosso quinto dia é de turno alternado, e um de nós cobre a noite para Mandy tirar folga. Não vou sentir falta disso – o turno noturno é mais chato. Para começo de conversa, todas as crianças do hotel já foram dormir.

– Certo. Que bom. Obrigada aos dois. Preciso de funcionários responsáveis e experientes, e posso confiar plenamente em vocês e

em Mandy. Sei que vocês vão dar uma força com o que for necessário. Vou precisar demitir metade dos garçons, e ainda mais da equipe de limpeza, e Arjun terá que sobreviver só com Ollie na cozinha.

– A senhora vai deixar Arjun só com o copeiro? – pergunto, sem conseguir me conter.

Ele não vai gostar da ideia.

– Talento bruto – diz a sra. SB, seca. – Ele pode moldar o rapaz da maneira que quiser. Agora...

Ela funga e estende as mãos. Eu pego uma, e Lucas hesita antes de pegar a outra.

– Já basta de assunto de trabalho – continua ela. – Não preciso lembrar que, aqui, somos uma família. Independentemente do que acontecer, isso não mudará. Se a Mansão Forest precisar fechar, farei todo o possível para ajudar vocês. *Todo* o possível. Por favor, saibam que os dois sempre serão muito queridos por mim.

Estou lacrimejando. A sra. SB sabe exatamente como uma conversa dessas é difícil para mim, e aperta minha mão com força. Por um segundo, eu me permito pensar nisso: tomar meu último chocolate quente com café com Arjun; levar minha caixinha de cacarecos para o quarto; me despedir com um abraço de Barty e da sra. SB, as pessoas que me deram um lar quando mais importava.

– Com certeza – digo, com a voz meio esganiçada. – E estou aqui para apoiá-los enquanto quiserem. É só me dizer a tarefa, que eu resolvo.

Lucas faz um gesto breve com a cabeça.

– O que precisar – diz.

– Maravilha. Bom... – A sra. SB abre um sorriso pequeno e cansado e solta nossas mãos. – Estamos vendendo tudo que dá. É a primeira etapa.

Eu arregalo os olhos.

– E Barty...

– Está muito chateado – diz a sra. SB, abaixando a voz e olhando de relance para a cozinha. – Mas se não arrecadarmos mais dinheiro, vamos perder o hotel. Então algumas dessas peças antigas dos Bartholomew precisam ir embora. Posso deixar vocês encarregados do Achados e Perdidos?

– Encarregados de *vender* tudo? – pergunto.

O Achados e Perdidos começou com uma caixa, mas cresceu ao longo dos anos e agora é uma sala toda, com centenas – quiçá milhares – de itens. Não somos muito de jogar coisas fora.

– Não é proibido fazer isso? – insisto.

– Pesquisei e a lei é um pouco vaga, mas acho que, desde que tomemos as medidas necessárias para devolver os itens, o que sempre fazemos quando algo aparece por lá, e tenha se passado um tempo razoável, podemos assumir a posse. E, se assumimos a posse... não sei por que não pode nos render algum dinheiro. Está uma bagunça, mas nunca se sabe, pode ter uns tesouros. Posso contar com vocês para vender tudo? A Tadinha da Mandy certamente pode ajudar.

– Com certeza – responde Lucas. – Mal posso esperar.

Minha sobrançelha treme. Lucas odeia o Achados e Perdidos. Ele chama de “lixão”.

A sra. SB se recosta com um suspiro demorado e enfim nota que está com o casaco só meio vestido.

– Ai, caramba. Que dia. Vou precisar que vocês dois caprichem, tá? Acho que já entenderam que vão trabalhar juntos cinco dias por semana – diz ela, abaixando os óculos até a ponta do nariz com sua expressão mais severa. – Conseguem fazer isso?

Nenhum de nós faz contato visual com o outro.

– É claro – digo, animada.

– Sim – afirma Lucas. – Posso trabalhar com Izzy, sim. Não tem o menor problema.

\* \* \*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Amor Cinco Estrelas"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).